

Por que Coseriu?

Why Coseriu?

Carlos Eduardo Falcão Uchôa*

RESUMO

Este artigo objetiva mostrar a importância da teoria linguística do romeno Eugenio Coseriu na minha formação no ano do centenário de seu nascimento. Ressalta a abrangência de sua obra, que focaliza todos os campos temáticos da linguística em geral. A proposta de Coseriu visa a compreender a realização inteira da linguagem e integrá-la sistematicamente em um modelo epistemológico funcional.

Palavras-Chave: Linguística Integral, Língua Funcional, Saber Linguístico, Atividade criadora.

ABSTRACT

This article aims to show the importance of the linguistic theory of the Romanian Eugenio Coseriu in my formation in the centenary year of his birth. It highlights the scope of his work, which focuses on all thematic fields of linguistics in general. Coseriu's proposal aims to understand the entire realization of language and systematically integrate it into a functional epistemological model.

Keywords: integral linguistics, functional language, linguistic knowledge, creative activity.

Articulista convidado

<http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.510>

*Universidade Federal Fluminense, cefuchoa@gmail.com

Confluência. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, Especial 30 anos, p. 15-38, junho 2021

Conheci pessoalmente a Eugenio Coseriu antes de ter lido qualquer texto seu. Ainda era aluno de Letras Clássicas da antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, quando soube que o linguista romeno faria uma palestra na Biblioteca Nacional, a convite de seu então diretor Celso Cunha. Ele fala português, me avisaram.

A explanação de Coseriu (ano de 1957) seria sobre a sua já conhecida tricotomia “Sistema, Norma e Fala”, uma monografia, de 1952, logo bastante citada por numerosos estudiosos daqui e de outros países, e adotada na progressão das pesquisas da linguística descritiva que então se desenvolviam, a contrapor-se, portanto, à concepção tradicional em que norma se confunde com prescrição gramatical. Só pude ter contato com este texto, e a maior parte do mundo acadêmico, através da edição espanhola da Gredos de 1962, constante da obra “Teoría del language y lingüística general”, que reunia cinco ensaios de inegável valor acadêmico, escritos em sua longa permanência em Montevideu (1951-1962), onde forma um grupo expressivo de linguistas ao seu redor. Pode-se afiançar que é o primeiro ensaio de maior densidade teórica e de projeção de Coseriu.

Em nosso país, o ensaio focalizado, inserido na obra citada, tem a sua tradução para o português só em 1979 (RJ, Editora Presença), a partir do qual vai se tornar ainda bem mais conhecido e comentado no mundo acadêmico.

O pionerismo deste ensaio passa a se ressaltado por numerosos linguistas de várias nacionalidades. Entre nós, Mattos e Silva (1995, p. 23) soube sinalizar com precisão o grande mérito dele:

... é a primeira proposta teórica desenvolvida para introduzir a norma nas preocupações da linguística descritiva, que então se desenvolvia, a contrapor-se, portanto, à concepção tradicional em que a norma se confunde com a prescrição gramatical, fundada não no *ser* da língua, mas no *dever ser*, para usar expressões de Coseriu.

Este conceito de “norma normal” passou a pertencer à Linguística, sem mais o intento normativo-pedagógico. Coseriu distinguia, assim, língua, sistema funcional, de possibilidades, de norma, um sistema normal, um modo tradicional do agir verbal, o que se diz habitualmente numa comunidade, de determinado estrato social, por exemplo (na variedade do português popular, marca-se o plural, num sintagma nominal, apenas no termo determinante: moças bonita). Afastava-se já, deste modo, de Saussure, que, como se sabe, opunha apenas a “*langue à parole*” (fala, discurso). Tal conceito coseriano, enfatize-se, se fazia de todo necessário para a descrição das variedades linguísticas (coloquial, popular...) de uma língua, muito impulsionada a partir do estruturalismo, não se cingindo mais à considerada norma culta.

A imagem de Coseriu ficou fortemente identificada em nosso país à de um estruturalista, mais um, seguidor de Saussure, o que seu ensaio “Sistema, norma e fala” já desmentia, pois não reconhecia o estudo da *langue* como sistema abstrato, homogêneo. É verdade que Coseriu escreveu alguns ensaios de orientação estruturalista, numa época em que o estruturalismo era a corrente linguística prevalente no mundo. O linguista adota a perspectiva estrutural em trabalhos sincrônicos como “Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje” (1954) e diacrônicos como “Pour une sémantique diachronique structurale” (1964), vindo mesmo a ampliar a visão de uma linguística em termos estruturais a novos campos, como os da semântica lexical e da sintaxe funcional. Estabelece, ao mesmo tempo, os alcances e limites do método estrutural, como o faz, por exemplo, na importante comunicação “Au-delà du structuralisme” (1982, p. 9-16).

Por ter sido autor de alguns textos estruturalistas, e por uma divulgação muito mal feita da sequência de sua vastíssima obra entre nós e mesmo na América Latina, a imagem de Coseriu foi associada à de um estruturalista, imagem não só parcial, mas falsa, na avaliação de Johannes Kabetec, Diretor do Arquivo Eugenio Coseriu da Universidade de Tübingen (COSERIU, LAMAS, 2010, p. 7):

E é falsa, pois Coseriu apenas tomou a discussão das ideias saussurreanas como ponto de partida metodológico, e não a doutrina de Saussure como um todo, ou seja, a linguística de Coseriu não deve ser entendida como mais uma escola linguística dentre as que dão continuidade à doutrina do mestre de Genebra. Coseriu (...) não aceita a parcialização de uma linguística tendo a *langue* como único e verdadeiro objeto, como propôs Saussure.

Eugenio Coseriu desenvolveu e sustentou ao longo de sua profícua produção acadêmica, uma teoria da competência, ou do saber linguístico, que vê a linguagem como produto da cultura humana, tomando como ponto de referência a capacidade do homem para a atividade criativa, ou seja, a capacidade de criar cultura e, portanto, também linguagem. Para Coseriu, competência linguística é um saber intuitivo ou técnico dependente da cultura nos três planos independentes da linguagem entre si, reconhecidos desde a antiguidade clássica: do falar em geral, da língua e do texto. Estes três planos, ou estas três competências, atuam conjuntamente para configurar um texto sempre novo em uma situação concreta.

Certamente a tricotomia mais básica do ideário linguístico coseriano, que ele mesmo considerava a sua maior contribuição para a linguística, é esta distinção entre os três planos linguísticos, distinção que corresponde à intuição dos próprios falantes, ou seja, o nível universal do falar em geral, o nível histórico das línguas e o nível individual dos discursos. Propunha, desta maneira, o que ele viria a chamar de linguística integral, longe, pois, de se limitar ao estudo de apenas um objeto linguístico, como o da “*langue*”, adotado pelo estruturalismo, que se cingia, pois, ao nível histórico das línguas. Muito esclarecedora, para uma compreensão mais aprofundada dos três níveis da linguística integral coseriana é a leitura de sua obra “Competencia lingüística: elementos de la teoría del hablar” (1992).

Coseriu, ao longo de uma das mais extensas obras no campo da Linguística da segunda metade do século XX (cerca de 350 textos, muitos em livros, além de considerável número de inéditos), vai então se ocupar

insistentemente com estes três níveis. Em Montevidéu, em 1957, esboça uma linguística do falar, ou seja, a linguística do nível universal, com o ensaio, revolucionário, “Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar”, que, pouco tempo depois, integraria a sua obra “Teoría del lenguaje y lingüística general. Cinco estudios.” (GREDOS, 1962)

Na linguística do falar, de que pouco se tinha ocupado a Linguística, descreve os procedimentos universais de determinação — como os signos linguísticos podem designar objetos da percepção — e dos contextos. Logo o conjunto de saberes possíveis ligados ao falar, plano universal. Tal plano linguístico está em conformidade, enfatize-se, com a consideração do falar como uma atividade humana geral. Neste falar se trata do que vai mais além da língua, ou seja, daquilo que faz parte de todo falar-não importa em que qual língua.

Nos exemplos abaixo, pode-se constatar que há uma incongruência que não se aplica a nenhuma língua, a qualquer língua, referindo-se, portanto, ao falar como tal. Há, em ambos os exemplos, desvios que se consideram como tais no falar de todas as línguas, reveladores de falta de conhecimento dos princípios gerais do pensamento e do conhecimento geral das coisas, respectivamente: a) A região Sul do Brasil abrange quatro Estados : São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. b) O vocábulo *quarto* contém quatro fonemas. Em qualquer língua, pois, estas duas frases seriam incongruentes.

Sobre os contextos, que se situam no nível do falar geral, do saber falar, Coseriu estranha, de início, a pouca atenção que vinha sendo dada a eles, em razão de sua importância para a compreensão discursiva. Os autores que focalizaram mais detidamente os contextos (Bally, Bühler e Urban) tipificam dois ou, no máximo, três contextos, assinala Coseriu. O linguista romeno agrupa os contextos em quatro tipos abrangentes: situação, região, contexto e universo de discurso. (COSERIU, 1962, p. 310-323). Na verdade, o que denomina, por exemplo, contexto cultural é tudo aquilo que pertence à tradição cultural de uma comunidade, que pode ser limitada ou tão ampla como a humanidade inteira. Se digo, por exemplo: “O Amazonas corta

vários estados brasileiros. Este rio têm inúmeros afluentes”, o emprego de “rio” é congruente neste contexto, pois é do conhecimento, em princípio, da comunidade brasileira, e mesmo parcialmente de outras, que o Amazonas de que se fala é um rio, logo pode ter afluentes.

O nível universal da linguagem é, então, o nível de todo conhecimento, nível, pois, do conceito e da teoria, por isso, nível ou plano de toda teoria linguística. Não pode haver, assim, um conceito de adjetivo, por exemplo, para o português e outro para o inglês. O que as línguas devem fazer é descrever, no caso, o adjetivo, a forma e função desta classe gramatical em qualquer língua. Assim, teremos descrições distintas, confrontando o adjetivo em português e o adjetivo em inglês, com o que já estaremos no nível histórico das línguas.

Um ato de fala faz referência a uma “realidade”, a um estado de coisas extralinguísticas. Esta referência a objetos extralinguísticos, ou a uma “realidade” extralinguística, sejam estes os estados de coisas mesmos ou os correspondentes conteúdos mentais, constitui o plano de conteúdo do plano do falar geral, que é a designação. Assim, a designação é a referência à realidade, a relação entre uma expressão linguística e um estado de coisas, ou, entre signo e “coisa” designada. (COSERIU, 1980, p. 99) Desta maneira, quando se diz em português que “Pedro é mais estudioso que Paulo” e “Paulo é menos estudioso que Pedro”, temos duas frases que designam o mesmo estado de coisas, mas isto não quer dizer que tenham o mesmo significado, nível já da língua (saber idiomático). Com efeito, há oposição clara de significado entre *mais* e *menos*.

Dos três níveis da competência linguística, o universal, o histórico e o individual, Coseriu desenvolve numerosos ensaios sobre cada um deles. Contudo, é sobre o nível universal, o do conceito e da teoria, que ele, nos parece, se torna autor de referência mundial, a começar pelo já mencionado “Sistema, norma e fala”. Para muitos linguistas mesmo, Coseriu é um linguista eminentemente teórico. Em seus estudos descritivos e textuais, o seu arcabouço teórico se faz substancialmente presente. Ele explicita que

Muito da validade, e inclusive tudo aquilo que pode ter validade em meus escritos e investigações (enquanto concepção e método), provém de outros linguistas e vários filósofos da linguagem, através de um processo dialético de síntese cuja base constante de referência tem sido a própria realidade da linguagem, tal como se apresenta à introspecção reflexiva e à observação sistemática. (COSERIU, 1997, 2º sem., nº 14: 33)

Assinala, em sequência, que teve como intento conciliar, em relação à realidade da linguagem, Saussure e Humboldt, com a ajuda de sugestões que recebeu de Sapir e de Hjelmslev, de Menéndez Pidal e de Pagliaro e — em outro plano (o filosófico e epistemológico) — de Aristóteles, Leibnitz, Vico, Hegel e Croce, principalmente de Aristóteles e de Hegel.

Por várias das obras de Coseriu perpassa este seu conceito de competência linguística, com ênfase ainda na noção de que a linguagem se realiza — é uma atividade —, ou consoante célebre caracterização formulada em termos aristotélicos por Humboldt, não é coisa feita, “produto” e sim “energeia”, atividade criadora, que vai além da sua própria “potencialidade”, ou seja, além da técnica ou saber “aprendido”. Este é um outro conceito fundamental da ideologia linguística coseriana.

Uma grande preocupação especulativa de Coseriu foi a da relação entre a linguagem e a lógica, a gramática e a lógica, que chegou a merecer um estudo aprofundado de Antonio Vilarnovo Caamaño, da Universidade de Navarra, que estudou com Coseriu na Alemanha — “Lógica y lenguaje en Eugenio Coseriu” (GREDOS, 1993).

Várias obras do linguista romeno são um conjunto de ensaios sobre diferentes campos de investigação, com predominância dos de linguística teórica. Assim, o seu livro “L’homme et son language” (2001) reúne diversos e densos textos de teoria linguística, uma espécie de antologia de ensaios publicados antes em outras obras. Textos como “L’homme et son language”, “Détermination et entours”, “Les universes linguistiques (et les autres)”, “Logicisme et antilogicisme em grammaire”, “Linguistique historique et histoire des langues”, entre tantos outros. Ao final desta obra há uma listagem

completa de todos os textos publicados por Coseriu, desde 1940 a 2002, ano de seu falecimento (p. 457-484).

Sabe-se que o falar se realiza sempre através de uma língua determinada, ou seja, através de determinada técnica histórica do falar, que corresponde a uma comunidade linguística historicamente constituída. A historicidade específica de cada língua é o fator primordial garantidor da constituição de uma comunidade, que se define através dela: comunidade de língua portuguesa, de língua espanhola, etc. Situamo-nos assim já no plano histórico da linguagem. Coseriu (1980, p. 101) ressalta logo acerca do objeto língua:

Constitui aspecto fundamental da linguagem o manifestar-se ela sempre como língua: conquanto criação, isto é, produção contínua de elementos novos, e, portanto, neste sentido, “liberdade”, por outro lado, a linguagem é, ao mesmo tempo, “historicidade”, técnica histórica e tradição, vínculo com outros falantes presentes e passados. Em suma, solidariedade com a história atual e com a história anterior da comunidade dos falantes.

Coseriu ainda enfatiza: o fato de não podermos dizer *caneta* em vez de *escrevaninha* não traduz uma limitação da liberdade, mas se trata justamente da dimensão histórica da linguagem, que coincide com a própria historicidade do homem. A própria liberdade humana não é arbítrio individual, é liberdade histórica. A língua não se “impõe” ao indivíduo (como se ouve dizer certas vezes). Na verdade, o indivíduo “dispõe” dela para manifestar sua liberdade de expressão.

Já se viu neste ensaio que Coseriu, ao desdobrar a “*langue*” de Saussure em sistema funcional e sistema normal (da norma), ou seja, entre níveis distintos de abstração, a se oporem à fala concreta, se afasta do mestre genebrino. Este não cogita do nível abstrato da norma. Mas o afastamento coseriano de Saussure, no tocante à “*langue*” é bem maior. No mestre genebrino, a “*langue*” — ainda que isto não esteja dito explicitamente — é, na verdade, um sistema estático de formas e conteúdos, assim como de estruturas e paradigmas que correspondem a essas formas e conteúdos. E, assim, homogêneo.

Coseriu distingue claramente língua histórica, unidade ideal e assim identificada como tal pelos seus próprios falantes e pelos falantes de outras línguas (língua portuguesa, língua espanhola, língua francesa ...) de língua funcional, língua como técnica sincrônica, a língua atualizada no discurso. A língua histórica nunca é homogênea, ao contrário, representa um conjunto bastante complexo de tradições linguísticas, que são conexas historicamente, mas só em parte concordantes.

Existe um português popular muito diverso das formas cultas desta língua. O que Coseriu quer então enfatizar é que uma língua histórica sempre terá uma variedade interna, não podendo ser assim descrita, mesmo porque não teria nenhum interesse prático, pois que ela como tal não é falada, não se realiza de modo imediato em um discurso (COSERIU, 1980, p 110-117). Nenhum falante a domina cabalmente. Nenhum discurso a traduz cabalmente.

Numa língua histórica, a não ser em poucas línguas com número bem restrito de falantes, há três tipos de unidades linguísticas mais ou menos uniformes: unidades sintópicas ou dialetos, pertencentes a um mesmo ponto espacial; unidades sinstráticas ou níveis de língua, referentes a um só estrato sócio-cultural; e unidades sinfásicas ou estilos de língua, concernentes a uma mesma modalidade expressiva, como o estilo familiar, estilo oratório, etc.

A língua funcional vem a ser, pois, para Coseriu, uma técnica linguística unitária e homogênea em que se vale de um só dialeto em um só nível e num só estilo de língua. O adjetivo “funcional”, como se percebe, apresenta uma total adequação, pois, é sempre uma língua funcional que se efetiva nos discursos. Num mesmo discurso, como o de um conto, pode evidentemente ocorrer mais de uma língua funcional, como a do narrador e a dos personagens. No discurso de um destes, podemos constatar a presença de mais um estilo de língua. São, na verdade, muito freqüentes os textos em que ocorre mais de uma língua funcional. Coseriu os denomina “plurilíngues”. O importante a enfatizar é que a cada momento do discurso, uma frase que seja, só ocorre uma determinada língua funcional. Nesta, e apenas nesta,

depreendemos as oposições, correlações e funções que se encontram numa das tradições de uma língua histórica.

As línguas funcionais é que constituem o objeto da descrição linguística: “à “coleção” de línguas funcionais deveria a rigor corresponder uma “coleção” de descrições” (COSERIU, 1980, p. 114). O linguista romeno afirma então, em continuação, que uma língua histórica não é bem um sistema linguístico e sim um diassistema, um conjunto mais ou menos complexo de dialetos, níveis e estilos de língua.

A descrição, como, em geral, se admite, deve ser sincrônica. Coseriu insiste aqui na distinção entre estado de língua real e sincronia, considerada esta idealmente e, por assim dizer, “absoluta” (1980, p. 106). Para ele, “no estado de língua está implícita uma dimensão diacrônica, porque os falantes consideram certas formas e construções como antiquadas, ou, ao contrário, como recentes”. (id, ibid, p. 106). Fala então o linguista numa diacronia “subjativa” ou “diacronia dos falantes”, e que pode ser inteiramente diversa da diacronia estabelecida por um estudioso da história da língua. Como, em português, a estranheza causada ao falante atual pelas formas *algures* e *alhures*, sentidas como palavras de fase pretérita da língua, para dar a certo discurso um sabor de arcaicidade. Têm, pois, determinado valor funcional para o falante e, assim, devem ser descritas neste seu funcionamento, neste estado de língua.

Já se vê que o estruturalismo linguístico inaugurado por Saussure e seus sucessores, centrado sobretudo no conceito de “languê” como um sistema fechado em si mesmo, estático, homogêneo, estudado sem qualquer interferência histórica, social..., e dada a primazia absoluta ao estado atual da língua, não se coaduna com a ideologia linguística de Coseriu. Para este o falante tem, ilustrando, um nível social, que o leva a se utilizar de certo nível de língua, fala em certa situação, que o leva a optar por um adequado estilo de língua, e intui diacronias subjetivas, como focalizamos. Se Saussure tem a “língua” como objeto de descrição sincrônica sistemática, Coseriu já delimita estritamente como objeto da linguística descritiva a técnica da língua funcional no nível do sistema de funções e oposições.

Adota, pois Coseriu, o estruturalismo funcional para o estudo da estrutura interna do que ele chama de “língua funcional”. Defende ele, na verdade, um estruturalismo dinâmico à maneira humboldtiana. Não vê o sistema linguístico como um repertório acabado por completo, senão como um conjunto de possibilidades funcionais das quais umas realizadas (norma) e outras não. O essencial na língua para Coseriu é a sua capacidade de criação e recriação por parte dos falantes, a mudança contínua entre inovação individual e norma.

Dentro de tal delimitação, Coseriu justifica a fonologia funcional, no plano da expressão, a gramática ou sintaxe funcional e a semântica lexical funcional (a que ele chamou de lexemática), estas últimas no plano do significado. Coseriu desenvolveu estudos sobre todos estes campos. No tocante às variedades de uma língua histórica (dialetos, níveis e estilos de língua), já distingue três disciplinas: a dialetologia, a sociolinguística e a estilística. O linguista tem também, em sua abrangente obra, importantes ensaios sobre estas três disciplinas.

Se a expressão linguística que não está em conformidade com os princípios gerais do pensar e com o conhecimento geral do mundo (nível universal da linguagem) é, para Coseriu, incongruente, já a expressão linguística que não está em consonância com uma tradição linguística (nível histórico da linguagem) se mostra incorreta. Ressalte-se que o conceito de correção aqui está vinculado ao que é normal, ao que efetivamente se diz numa norma, e não ao que é normativo, o que, socialmente, se considera como mais elegante, mais prestigioso (a norma culta). Importante salientar que a correção/incorreção não se aplica à língua (“língua correta”, “língua errada”, “língua sofrível”...), mas ao falante ao usar a língua, ao saber ou não valer-se do que um saber idiomático (de uma língua funcional) preconiza. (UCHÔA, 2019, p. 69).

A distinção entre os três níveis da linguagem é também importante porque a esses três níveis correspondem três níveis de funcionalidade no que concerne aos três estratos do significar ou tipos de “conteúdo” linguístico: a designação, no tocante ao falar geral, como já focalizamos, o significado,

no tocante ao plano histórico, e o sentido, explicitado no nível individual da fala. Evidentemente que estes três estratos vão estar presentes nos textos. Se a designação, como vimos, é a relação entre signo e “coisa” designada, o significado é o conteúdo de um signo ou de uma expressão em uma língua determinada, veiculado por essa língua. Assim, mesmo fora de um contexto, um falante do português entende, por exemplo, o signo “árvore” como possibilidade de designação deste significante. A designação corresponde aí então a um significado da língua. Trataremos do sentido ao focalizarmos o nível individual da linguagem.

Ainda no plano histórico da linguagem, num estado de língua, Coseriu faz uma importante distinção entre duas espécies de tradição: a técnica livre do discurso e o discurso repetido. Enquanto a primeira abrange os elementos da língua e as regras pertinentes à sua combinação e modificação, a segunda, como ressalta Coseriu, compreende tudo o que, no falar de uma comunidade, se repete tal e qual, como discurso já produzido ou combinação mais ou menos fixa, como fragmento, longo ou curto, do “já falado” (1980, p. 100-110).

Lembremos como ilustrações do “discurso repetido” os provérbios e locuções fixas, pertencentes a variedades distintas da língua (“Chover no molhado” ou “Ler nas entrelinhas”): a primeira mais popular, a segunda, mais do uso culto). Em “o bom cearense” tem-se um fato de técnica livre (podemos intercalar termos, “o bom e ilustre cearense, por exemplo). O mesmo não se pode dizer de “o bom samaritano”, pois se trata de uma combinação já fixada na língua.

O discurso repetido pode ser também de citação tomada de textos literários ou não, conhecidos como tais. ‘E agora José?, verso célebre de Drummond, repetido mesmo na linguagem do dia a dia. Diversos trechos camonianos são ainda hoje lembrados em discursos literários ou não, escritos ou orais, de brasileiros escolarizados: “cesse tudo o que a antiga musa canta”, “outro valor mais alto se alevanta” ou ainda “por mares nunca dantes navegados”. Para outros tipos de discurso repetido (COSERIU, 1980:108-110).

Numa afirmação conhecida por quem tem conhecimento de sua obra, Coseriu assinala que “A linguagem é uma atividade humana *universal* que se realiza *individualmente*, mas sempre segundo *técnicas historicamente* determinadas (“línguas”)” (1980, p. 81). Na verdade, a atividade cultural do falar se realiza sempre por falantes individuais em situações particulares. Trata-se do terceiro nível da competência linguística adotada por Coseriu.

Ao lado dos níveis universal e histórico, tem-se o nível individual, o plano dos atos de fala ou discursos.

Certo conhecimento da história das ideias linguísticas nos mostra que Saussure, em seu famoso *Curso de linguística geral* (1916), ao estabelecer a sua mais célebre dicotomia entre língua e fala (*langue e parole*), ou seja, entre o virtual e o realizado, firmaria que o objeto da ciência da linguagem era a língua, posição esta que dominaria, através do estruturalismo e do gerativismo de Chomsky, até as proximidades dos anos da década de 60.

De sorte que, com estas correntes teóricas, a Linguística continuaria a tradição ao se manter como uma linguística das línguas. Já a fala era considerada quase exclusivamente como a realização de uma língua. Tanto Saussure quanto Chomsky, então, viam a fala e a atuação, respectivamente, só como um objeto secundário da Linguística, não formalizam uma linguística da fala ou do discurso.

Coseriu, em ensaio pioneiro publicado nos anos de 1950 (“Determinación y entorno. Dos problemas de una lingüística del hablar”) já fala na necessidade de se considerar uma linguística do texto, cuja teoria seria desenvolvida por ele ao longo dos anos e exposta em sua obra “Lingüística del texto: introducción a la hermenéutica del sentido”, cuja primeira edição, em alemão, data de 1980. Valeu-se aqui da edição espanhola, de 2007, publicada e minuciosamente revista após a morte de Coseriu (2004). Para ele, o importante não era tanto a identificação e exemplificação de fatos e tipos de fatos a investigar em uma linguística do texto, e sim a mudança radical de perspectiva a se processar na Linguística. A linguística do texto coseriana viria

a ser a linguística do sentido, de interpretação de um texto concreto através da análise dos elementos linguísticos; é uma tarefa hermenêutica baseada numa série de ferramentas que a tornam científica (KABETEC, 2010, p. 9).

Segundo Coseriu, não se tem de explicar a fala desde o ponto de vista da língua, mas ao contrário, dado que a linguagem é concretamente a fala, uma atividade, e dado que a fala é mais ampla que uma língua: enquanto a língua se acha toda contida na fala, a fala não se acha toda contida na língua, sobretudo como sistema da norma.

Por isso para o linguista romeno se deve inverter o conhecido postulado de Saussure: em lugar de colocar-se no terreno da língua, deve colocar-se desde o primeiro momento no terreno da fala e tomá-lo como norma de todas as manifestações da linguagem, inclusive da língua (1992, p. 73-4).

Para coroar as suas considerações a propósito da fala, em sua relação com a língua, Coseriu ressalta que a fala é muito mais do que a simples realização de uma língua, de um saber (idiomático) e aplicação mecânica deste saber. Na verdade, tal realização permite que os falantes sejam criativos na fala e que consigam ir além da competência que aplicam criando nova competência (a textual).

Assim, uma gramática que dá conta das construções frasais já não se mostra “competente” para a combinação dessas unidades num contexto linguístico mais amplo, como o de um texto. Se é verdade que as frases fazem parte de um texto, a análise detalhada dos termos de cada uma delas pode não trazer contribuição pertinente para a compreensão textual abrangente.

Para comprovar que o saber textual (saber expressivo para Coseriu) é autônomo, em face particularmente do saber idiomático, ressaltemos, de início, que qualquer texto se refere às determinações gerais do falar. Assim, o sujeito e a situação passam a fazer parte da análise linguística, o que antes não acontecia, pois se tinha uma língua homogênea (tanto para Coseriu quanto para Chomsky) como objeto de estudo. Além do sujeito falante e da situação, duas outras determinações de qualquer falar se faziam presentes: o destinatário

e o objeto do falar. Deste modo, o saber textual ou expressivo se apresenta extremamente variado para atender a estas diferentes determinações.

O sujeito falante procura seguir as normas de cada tipo de texto. É na sua atividade verbal que vão se comprovar as normas. O destinatário se faz presente também nos textos escritos, até com a possibilidade de o emissor se dirigir explicitamente a ele, como no gênero epistolar (“prezado amigo”) ou mesmo no prefácio de um livro (“caro leitor”). A fala também tem um objeto, ou seja, o assunto sobre que se fala: objetos da ciência, objetos de um esporte, objetos da vida corrente, objetos imaginários. Por fim, fala-se sempre em um conjunto de circunstâncias, ou seja, numa relação específica com o destinatário e o objeto. Pode-se, por exemplo, falar de um mesmo objeto para destinatários bem distintos, como falar da situação social de um país numa conferência ou numa conversa descontraída com um amigo.

Nem sempre se pode fixar normas específicas ao se falar com pessoas, ou ao se escrever em alguns gêneros textuais. Assim, com pessoas sem escolaridade, pode-se dizer apenas genericamente que se deve falar de maneira simples e fácil de entender, num estilo de língua como o familiar. No caso de gêneros, não há como estabelecer norma específicas para o romance, por exemplo, o que permite uma enorme variedade de configuração do texto. No soneto, já se conta com uma forma fixa, mas, quanto ao conteúdo, já não se têm normas.

Há categorias idiomáticas como indicativo, subjuntivo, singular, plural, interrogação, no tocante ao português, e categorias textuais, como desejo, ironia, dúvida, entre outras, expressos tais sentidos por recursos diversos de cada língua. Não temos em português, a exemplo do grego clássico, um modo optativo, portanto uma categoria idiomática. O valor semântico de desejo pode ser expresso pelo subjuntivo (“Que os deuses estejam do nosso lado”). O valor semântico de dúvida poderá se expressar pelo recurso a uma oração interrogativa, categoria da língua (“Choverá?”).

A competência textual se apresenta ainda como autônoma pela valorização distinta que um texto comporta em relação à que se procede

no tocante à língua. Como insiste em argumentar Coseriu (1992, p. 198-9), na competência textual não se leva em conta se algo expresso é correto ou não, mas se deve comprovar se uma ocorrência textual é adequada ou não ao ouvinte ou leitor, ao objeto ou à situação. Pode-se ter um ato verbal correto no que concerne à língua (“Te quebro a cara, ouviu?”), mas apenas adequada a certa situação aberta de agressividade vivida por dois personagens.

Os textos apresentam ainda um conteúdo especial, distinto do designado (nível do falar) e do significado (nível da língua). Todo texto terá sempre um sentido, que manifesta as opiniões, as atitudes ou intentos do falante ou do escritor. Coseriu (1992, p. 205) assinala que é possível uma pessoa entender perfeitamente um enunciado sob o ponto de vista da língua, ou seja, com suas palavras, a combinação delas, com os recursos gramaticais presentes, mas que, apesar disso, se perguntar: qual o sentido do que você falou? Ou: que você quis dizer? Está expressando uma ordem ou um pedido? Sua intenção foi a de perguntar apenas ou de censurar?

Tem-se então já aqui a preocupação clara com o sentido do texto, mesmo que constituído por uma simples oração, distinta da preocupação com o entendimento do significado dado por unidades da língua. Ilustrando: Nas frases simples “E se você fizesse o exercício!”, “Você deve fazer o exercício” e “Faz o exercício”, no reconhecimento dos tempos e modos verbais e do conector “se”, se está ainda no nível de apreensão de formas da língua com os seus respectivos significados. Porém, ao se entender que, na primeira frase acima, assimilamos o sentido de sugestão, na segunda, o sentido de conselho e, na terceira, o de uma ordem, já estamos no nível textual.

Portanto, no tocante à fala, devemos reconhecer que há um conteúdo especial e autônomo (o sentido), que corresponde a um saber especial: o saber expressivo ou textual. Na linguagem literária particularmente, a distinção entre significado e sentido é muito presente. Drummond, no seu conhecido poema “Procura da poesia”, afirma que o poético se situa no nível da linguagem, através, diríamos, especialmente dos sentidos que cada palavra vier a adquirir na linguagem poética (“Chega mais perto e

contempla as palavras. / Cada uma / tem mil faces secretas sob a face neutra / e te pergunta, sem interesse pela resposta, / pobre ou terrível que lhe deres: Trouxeste a chave?” (ANDRADE, 1956, p. 30). Só com o sentido textual se poderá alcançar a expressividade semântica de “mil faces secretas”, “Cada palavra...te pergunta”, “Trouxeste a chave?”.

Os dicionários registram o significado das palavras como unidades da língua. Os sentidos diversos que as palavras vêm a assumir ocorrem nos textos, podendo os dicionários registrarem apenas um ou outro de ocorrência discursiva mais frequente.

Mesmo quando um texto é constituído por palavras isoladas, elas não são unidades soltas, pois se conectam semanticamente, possibilitando, deste modo, a construção de um sentido textual. Seja o seguinte texto, que figura na capa de um pequeno caderno, como lembrança do Natal e do Ano-Novo: “Paz. Magia. Harmonia. Prosperidade. Realizações. Alegria. Felicidade”. As palavras e sintagmas estão conectados, possibilitando a construção de um sentido textual, qual seja, uma mensagem que veicula a intenção do emissor, a de desejar Boas-Festas. O texto pode então assumir configurações bem distintas, mas sempre carregando um sentido próprio. Para um maior desenvolvimento sobre a competência textual em Coseriu, remetemos ao nosso texto “Competência textual e o estrato semântico do sentido” (UCHÔA, 2020, p. 41-55).

O falante de uma língua é capaz de resumir ou parafrasear um texto, perceber se ele está completo ou incompleto, atribuir-lhe um título ou mesmo produzir um outro texto a partir de um texto dado. De modo que não há como não separar a linguística das línguas da linguística dos textos, que comportam estudos e análises, por serem dois níveis distintos da linguagem, com base em conceitos e procedimentos bem diversos.

A linguística integral, considerada em seus três níveis, pode ser aplicada também às disciplinas linguísticas parciais, como a gramática, a semântica e a fonologia. Em cada nível da linguagem, terão objetivos distintos, que se complementam no estudo de cada disciplina. Assim, em relação à

gramática, teremos: a teoria gramatical no nível universal, teoria que intenta definir as categorias, funções e procedimentos gramaticais, abarcando todas as línguas; no nível histórico ou idiomático, a descrição gramatical de uma língua, ou, mais precisamente, de uma língua funcional; no nível individual, a análise gramatical de determinado texto.

No tocante à semântica: certa teoria semântica, no nível universal, como a lexemática, desenvolvida por Coseriu (1977); no nível histórico, a descrição, por exemplo, de campos semânticos de determinada língua; e análise semântica de um texto, no nível individual, com vista a uma melhor compreensão deste. No terreno da fonologia, a exposição de uma teoria fonológica (estruturalista, gerativista...), no nível universal; no nível histórico, levantamento dos fonemas e variantes de uma língua; no nível individual, análise dos fonemas de certo enunciado.

Lamas (2007, p. 19-20), como editor da tradução espanhola da linguística do texto de Coseriu, vê o lingüista romeno como um personagem sobressalente, na segunda metade do século XX, talvez mesmo o último que conseguiu dominar todos os campos temáticos da linguística em geral e um notável número de descrições pontuais de várias línguas. Na verdade, sua obra abarca quase todas as seções da linguística: a filosofia da linguagem, a teoria da linguagem, a metodologia da linguística, a fonologia, a teoria gramatical, a semântica, a teoria do falar, a linguística do texto, a dialetologia, a sociolinguística, a estilística, a fenomenologia metalinguística, a teoria da fraseologia e do discurso repetido, a gramática histórica e a história da língua, a teoria da tradução, a didática da linguagem, a estandarização e a política linguística, a história da linguística ou a história da filosofia linguística.

La extensión temática de su obra es una manifestación externa de su personal concepción del *ser* del lenguaje y del *deber-ser* de la lingüística: la propuesta de Coseriu pretende comprender la realidad entera e intergarla sistemáticamente em um modelo epistemológico funcional (LAMAS, 2007, p. 19- 20).

O mesmo autor (2010, p. 8) assinala que Coseriu defende o princípio de que o trabalho linguístico começa sempre por uma localização dentro do edifício (a linguagem) mais completo possível. Esse edifício constitui justamente a tricotomia mais básica de Coseriu (os níveis universal, histórico e individual da linguagem), que, por sua vez, podem ser considerados sobre três aspectos: o da produção criativa, o do saber ou da potencialidade e, por fim, do resultado, isto é, a obra linguística, o texto.

O que Coseriu chamaria no desenvolvimento de sua obra de “linguística integral” se assentava basicamente, como vimos, numa tricotomia que objetivava completar uma perspectiva parcial do estudo linguístico, como apenas a perspectiva estrutural (idiomática), ou como apenas a perspectiva discursiva.

Quando Eugenio Coseriu falece em 2002, em Tübingen, na Alemanha, em cuja universidade trabalhou desde o início dos anos da década de 60, não levou tudo consigo. Deixou como legado uma linguística sólida, explicada em centenas de trabalhos, alguns publicados, outros ainda não (Coseriu, Lamas, 2010, p. 1). Grande parte do legado manuscrito de Coseriu — e não somente do ponto de vista quantitativo — não foi publicado até a sua morte e se encontra em diferentes estados de elaboração no Arquivo Coseriu, na “Neophilologikum” da Universidade de Tübingen. Em textos que estão sendo publicados após sua morte, como os que foram reunidos na obra, com tradução brasileira, “Linguagem e discurso” (2010), o linguista romeno agrupa alguns dos mais importantes trabalhos sobre o nível individual da linguagem, o discurso.

Tornei-me seguidor de Eugenio Coseriu, no correr da minha carreira docente, pois o estruturalismo já não mais me satisfazia, apartado do homem, após a leitura e releitura de muitos dos seus textos e até mesmo após algumas longas conversas que mantivemos aqui no Rio, ao vir ele ministrar cursos na Universidade Federal Fluminense, por onde se tornaria “Professor Doctor Honoris Causa”. Fui assimilando os mais importantes postulados da sua luminosa e abrangente teoria linguística, incluídos, mais tarde, certos textos

póstumos dele. Sua tricotomia básica, por exemplo, com os três níveis da linguagem (o falar, a língua e o discurso) me trouxe inegável segurança para poder bem me situar ante qualquer texto metalinguístico que estava lendo ou que intentava escrever.

Tinha ante mim uma construção teórica mais ampla possível, confirmação de suas próprias convicções, baseadas na natureza da linguagem, que é uma atividade livre do homem, e da linguística, que se funda no "saber originário" que tem o homem sobre si mesmo e sobre suas próprias atividades livres (Coseriu, 1997, p. 33). O mestre de Tübingen sublinha ainda que, por ser livre, a atividade linguística é criadora, pois não repete apenas o aprendido (sobre criatividade: Coseriu, 1997, p. 66-112). Criatividade não se manifesta, como tantos crêem, nas manifestações desviantes, mas quando se seguem regras históricas e sociais da linguagem, presentes, contudo, o esforço e o intento na comunicação com o outro, garantidores do exercício significativo da linguagem em dadas circunstâncias.

Ao ler uma tese sobre a linguagem, por exemplo, procurava me ir certificando em que plano da tricotomia ela se situava basicamente. Se se tratava de uma pesquisa acerca da Semântica Argumentativa, era no plano universal que se localizava, pois a argumentação é um princípio geral do pensar. Se, antes os meus olhos, tinha uma tese sobre as relações entre a linguagem e a lógica, era no mesmo plano universal da linguagem que devia me situar, já que o trabalho acadêmico apresentado se desenvolvia no terreno da teoria, dos conceitos.

Já uma tese que intentasse aprofundar a análise de um "corpus" com objetivo de chegar a certas conclusões sociolinguísticas acerca dele estaria no plano histórico das línguas, sem que deixasse de explicitar a teoria sociolinguística em que se tenha baseado. A teoria linguística não pode faltar a qualquer trabalho acadêmico, quer o núcleo da pesquisa se centralize no plano da língua ou no plano de discurso. Neste, plano individual da linguagem, localizaríamos, uma pesquisa sobre tradução, por exemplo, ou sobre crítica textual. Mesmo certo estudo teórico, sobre os universos linguísticos, por

exemplo, apresenta ocorrências de uma língua (ou línguas) e de discurso(s). Na verdade, os três planos da linguagem coexistem em qualquer pesquisa linguística, com ênfase ou núcleo da pesquisa centrado ou na própria teoria, numa língua (ou línguas em cotejo) ou em discurso(s).

Coseriu tinha domínio de várias línguas, de modo que seus estudos sobre linguística românica, por exemplo, contribuem com importantes formulações gerais e valiosas indicações de caráter metodológico. Mas a sua preocupação maior com a teoria linguística o conduz a enveredar pela história das ideias linguísticas, enfatizando sempre que nela muitas vezes o novo se revela como velho e vice-versa. Há muito que investigar na história da linguística, enfatiza: autores importantes, alguns mesmo notáveis, de que ninguém se recorda, e ideias tomadas como novas, que não seriam tanto, se fossem estudadas suas origens.

O linguista romeno, pelo seu invejável cabedal de leitura de tantos que estudaram a linguagem (incluídos muitos filósofos), desde a antiguidade clássica até as proximidades do final do século passado, se mostrava, sem dúvida, habilitado a escrever uma instigante história da linguística.

A visão de Coseriu sobre as diversas correntes da linguística do século XX com as limitações intrínsecas de cada uma com respeito à totalidade do fenômeno lingüístico leva-o a insistir na complementariedade prática, ou seja, na validade de cada uma dessas diversas direções. Para tal, se torna necessária, ressaltava, uma colaboração efetiva e profícua entre essas direções, devendo os linguistas ter consciência dos limites da direção que adotarem e assim renunciarem às pretensões de exclusividade do enfoque escolhido para alcançarem a ampla compreensão do mesmo fenômeno “linguagem”, mas de diferentes aspectos e planos. Assim, na sua visão, o estruturalismo teve sua inegável validade, mas centrou apenas seu objeto de estudo em certo campo da linguagem, a langue.

Por que Coseriu? Antes de mais nada, pela sua proposta de alcançar a compreensão da realidade inteira da linguagem (o falar, a língua e o discurso), com a intenção, como já aqui foi dito, de integrá-la sistematicamente em um

modelo epistemológico funcional. Daí, suas incursões por praticamente todos os campos temáticos do estudo da linguagem, conseguindo manter, graças ao seu vasto conhecimento da história da linguística, o equilíbrio entre tradição e inovação. Esta última consideração é de inestimável valor a qualquer pesquisador-cientista.

Não deixa ele de ressaltar ainda, no tocante à competência linguística, que o falar, como uma atividade, não supõe apenas um saber linguístico, mas um conhecimento do mundo. Por isso a competência linguística supõe, em primeiro lugar, a competência discursiva, retórica, de tal sorte que esta pode até suspender as normas do falar e as de uma língua concreta, em favor do que é apropriado (*aptum*) dizer em uma situação comunicativa, manifestada em um texto (Caamaño, 1993, p. 276-7).

Longe, muito longe, pois do estruturalismo saussuriano, Coseriu enfatiza que a linguagem acompanha sempre o homem e que, por isso, a atividade linguística, o agir linguístico, deve ser assim o ponto de partida para a formulação de qualquer teoria sobre a linguagem verbal. O papel do linguista é justamente o de trazer sempre para o plano da reflexão, portanto do conhecimento fundamentado, o que é intuído pelo falante.

Em Eugenio Coseriu encontrei, pois, uma ideologia linguística abrangente, que me proporcionou uma compreensão seguramente satisfatória desse mundo maravilhoso e, ao mesmo tempo, extremamente complexo que é a linguagem humana, estabelecendo, segundo um de seus lemas, os alcances e os limites do que se está focalizando dentro do edifício mais completo possível abarcado pelo mundo linguístico.

Este texto foi escrito como uma singela homenagem ao centenário (1921-2021) do insigne linguista e pensador.

Referências bibliográficas

CAAMAÑO, Antonio Vilarnovo. *Lógica y lenguaje en Eugenio Coseriu*. Gredos, 1993.

COSERIU, Eugenio. Sistema, norma y habla. In: **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Madrid: Gredos, 1962, p. 11-113.

_____. **Forma y sustancia en los sonidos del lenguaje**. id., p. 115-234.

_____. **Determinación y entorno**. id., p. 282-323.

_____. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1973.

_____. La creación metafórica en lenguaje. In: **El hombre y su lenguaje: estudios de teoría y metodología lingüística**. Madrid: Gredos, 1977, p. 66-102.

_____. **Lições de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

_____. Au-delà du structuralisme. In: **Linguística e letteratura**, VII, 1-2, 1982, p. 9-13.

_____. **Competência lingüística**: elementos de la teoría del hablar. Madrid: Gredos. 1993.

_____. **L'homme et son langage**. Éditions Peeters. Bibliothèque de L'information Grammaticale. Louvain-Paris-Sterling, Virginia, 2001.

_____. O meu Saussure. In **Confluência** (Revista do Instituto de Língua Portuguesa do Liceu Literário Português), Rio de Janeiro, n. 14, 2º semestre de 2009/1º semestre de 2010, p. 33-36.

_____. **Lingüística del texto**: introducción a la hermenéutica del sentido. Madrid: Arco/ Libros, 2007.

COSERIU, Eugenio; LAMAS, Óscar Loureda. **Linguagem e discurso**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino de Português**. São Paulo: Contexto, Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1970.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. **Iniciação à linguística: fundamentos essenciais**. Rio de Janeiro, Lexikon, 2019.

_____. Competência textual e o estrato semântico do sentido. In: **Sentimento da língua**. Homenagem a Evanildo Bechara-90 anos. Orgs: Denise Salim Santos, Flávio Aguiar Barbosa e Shela Hue. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2029, p. 41-56.